

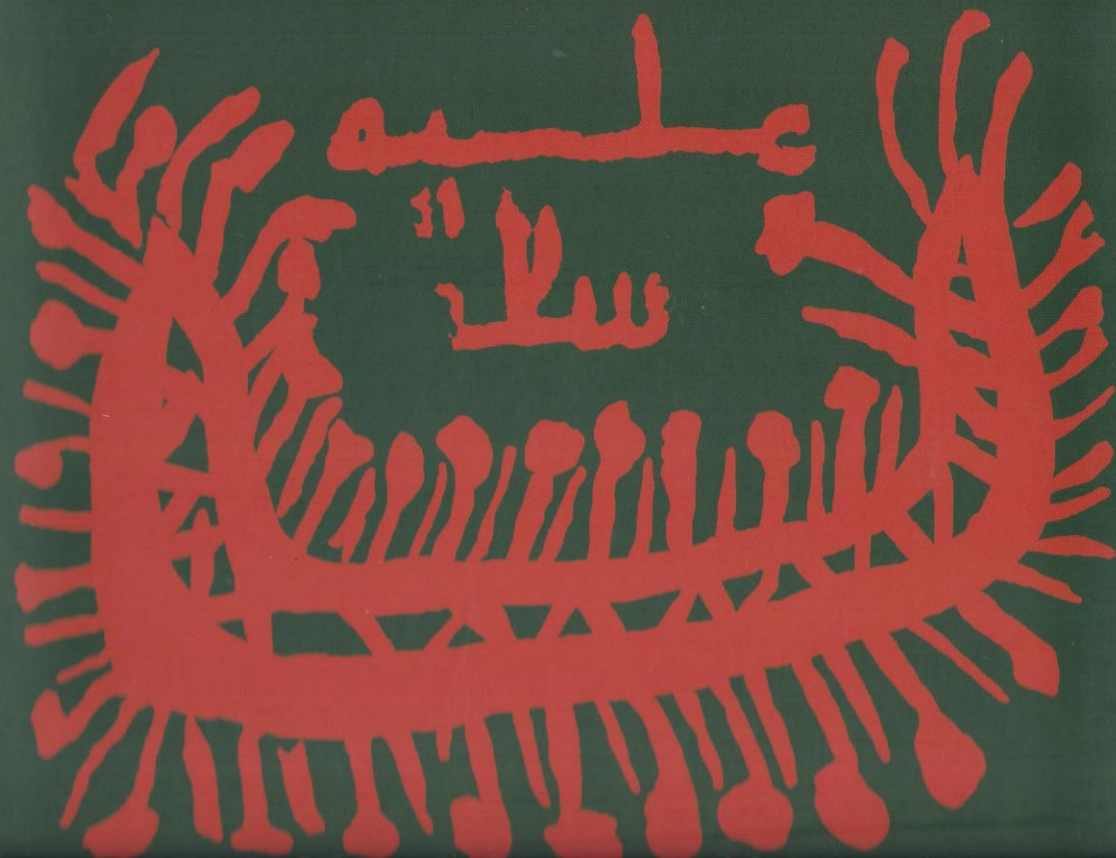


JOÃO JOSÉ REIS

# Rebelião Escrava no Brasil

A HISTÓRIA DO LEVANTE DOS MALÊS EM 1835

EDIÇÃO REVISTA  
E AMPLIADA



JOÃO JOSÉ REIS

# Rebelião escrava no Brasil

*A história do levante dos malês em 1835*

*Edição revista e ampliada*

3ª edição

3ª reimpressão



COMPANHIA DAS LETRAS



Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Ettore Bottini

Foto de capa

Detalhe de livrinho malê. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Foto do autor

Foto da quarta capa

Amuleto contendo a sura *Qadr*, *Noite da Glória*.  
Acervo do Arquivo Público do Estado da Bahia.  
Foto de Mariângela de Mattos Nogueira

Índices

Miguel Said Vieira

Preparação

Alice Kyoko Miyashiro

Revisão

Beatriz de Freitas Moreira  
Isabel Jorge Cury  
Ana Maria Barbosa

Revisão dos termos árabes

Paulo Daniel Farah

Atualização ortográfica

Adriana Bairrada  
Viviane T. Mendes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Reis, João José

Rebelião escrava no Brasil : a história do levante dos malês em 1835 / João José Reis. — Edição revista e ampliada — 3ª ed.  
São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

ISBN 978-85-359-0394-2

1. Brasil — História 2. Escravidão — Brasil — Insurreições  
etc. 3. Malês (Povo africano) — Brasil 1. Título.

03-3317

CDD-981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Escravos malês : Rebelião, 1835 : História 981
2. Escravos malês : Rebelião, 1835 : Brasil : História 981

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Para minha mãe e meu pai

## Sumário

|                                                                             |     |
|-----------------------------------------------------------------------------|-----|
| Prefácio .....                                                              | 9   |
| PARTE I — SOCIEDADE, ECONOMIA, REBELIÕES NA ÉPOCA DOS MALÊS                 |     |
| 1. A Bahia em 1835: sociedade e conjuntura econômica .....                  | 19  |
| 2. As revoltas da plebe livre .....                                         | 44  |
| 3. A tradição rebelde I: revoltas escravas na Bahia portuguesa, 1807-21 ... | 68  |
| 4. A tradição rebelde II: revoltas escravas na Bahia independente .....     | 94  |
| PARTE II — A REBELIÃO DE 1835 E OS MALÊS                                    |     |
| 5. A batalha pela Bahia .....                                               | 125 |
| 6. Os filhos de Alá na Bahia .....                                          | 158 |
| 7. A "Sociedade Malê": organização e proselitismo .....                     | 215 |
| 8. Um califado baiano? Os malês e a rebelião .....                          | 246 |
| 9. Perfis malês: a liderança de 1835 .....                                  | 283 |
| PARTE III — A COMUNIDADE AFRICANA EM REVOLTA                                |     |
| 10. Raízes: razões étnicas em 1835 .....                                    | 307 |
| 11. Trabalhadores escravos e libertos: perfil ocupacional dos presos .....  | 350 |
| 12. Arranjos de vida: os africanos na intimidade .....                      | 390 |

PARTE IV — REPRESSÃO E REPERCUSSÕES

|                                                                             |     |
|-----------------------------------------------------------------------------|-----|
| 13. A repressão após o levante . . . . .                                    | 421 |
| 14. "Salutar efeito do exemplo": o castigo dos rebeldes . . . . .           | 451 |
| 15. Desterro, controle e resistência . . . . .                              | 479 |
| 16. Repercussões: entre o endurecimento e a crítica da escravidão . . . . . | 509 |
| Epílogo . . . . .                                                           | 545 |
| Notas . . . . .                                                             | 551 |
| Glossário de termos muçulmanos e africanos . . . . .                        | 605 |
| Listas de mapas, quadros e tabelas . . . . .                                | 609 |
| Abreviaturas utilizadas . . . . .                                           | 611 |
| Créditos das imagens . . . . .                                              | 613 |
| Fontes e referências bibliográficas . . . . .                               | 617 |
| Índice onomástico de escravos e libertos . . . . .                          | 639 |
| Índice remissivo . . . . .                                                  | 645 |
| Sobre o autor . . . . .                                                     | 665 |

## Prefácio

Na noite do dia 24 para 25 de janeiro de 1835, um grupo de africanos escravos e libertos ocupou as ruas de Salvador, Bahia, e durante mais de três horas enfrentou soldados e civis armados. Os organizadores do levante eram *malês*, termo nagô pelo qual eram conhecidos na Bahia da época os africanos muçulmanos.

Embora durasse pouco tempo, apenas algumas horas, foi o levante de escravos urbanos mais sério ocorrido nas Américas e teve efeitos duradouros para o conjunto do Brasil escravista. Centenas de insurgentes participaram, cerca de setenta morreram e mais de quinhentos, numa estimativa conservadora, foram depois punidos com penas de morte, prisão, açoites e deportação. Se uma rebelião das mesmas proporções acontecesse na virada para o século XXI em Salvador, com seus quase 3 milhões de habitantes, resultaria na punição de cerca de 24 mil pessoas. Isso dá uma ideia da dramática experiência vivida pelos africanos e outros habitantes da Bahia em 1835.

A rebelião teve repercussão nacional e internacional. No Rio de Janeiro uma notícia detalhada chegou ao público por meio de periódicos que publicaram o relatório do chefe de polícia da Bahia. Temendo que o exemplo baiano fosse seguido, as autoridades cariocas estreitaram a vigilância sobre os negros locais, sobretudo na Corte imperial. Além de disseminar o medo e provocar o aumento do controle escravo em todo o Brasil, os rebeldes também reavivaram



527-8, 531, 533-5, 536, 537; interprovincial, 164, 183, 493-5; iorubá, 312; na África, 10, 34, 72, 266-7; obás e, 173; perseguição inglesa ao, 35, 165-7, 169, 239; portos, 173, 213; proibição oficial do, 120, 394, 480, 484; transatlântico, 23, 73, 161, 164, 174, 176, 242, 307-8, 477, 487; volume, 24, 31, 120, 333, 546

Tribunal da Relação, 37, 458, 459-60, 461

Tribunal de Apelação, 446, 458

Tribunal de júri, 63, 285, 287, 378, 436-8, 439, 445, 446, 447, 449, 456, 457, 458, 459, 460, 462-3, 464, 465, 466, 468

Trimingham, J. Spencer, 231

Triunfo (brigade), 494-5

turbante, *ver* carapução

Uidá ou Ajudá (porto do tráfico), 244, 308, 360, 481, 482, 483, 487, 489, 490, 536

Urubu, quilombo do, 100-5; candomblé do, 103; liderança feminina, 102; palavra de ordem na revolta do, 94; revolta do, 100-2, 105

Varella, Dr. Antônio Pinto de Mesquita (senhor de escravo), 287-8, 290

Vasconcellos, Egidio Barbosa de (juiz de paz), 197, 436

Vasconcellos, José Joaquim Pinheiro de (presidente da província da Bahia), 62

Vasconcelos, Antônio de Brito Aragão e (advogado), 104

Vasconcelos, José Ignácio Acciavoli Brandão e (senhor de engenho), 95

Velloso, Leonardo Joaquim dos Reis (inspetor de quarteirão), 468

vento, 192-3, 606

Verger, Pierre, 86, 176, 244, 272, 486-7, 495

Verônicas, rua das, 130, 364

Vianna, Francisco Vicente (presidente da província da Bahia), 49, 114; perfil, 55

Vianna, João Antônio de Sampaio (sócio correspondente do IHGB na Bahia), 197-200, 203

vida, expectativa de, 25, 382

Vieira, José (poeta), 542-3

Vikor, Knut, 221, 222

Vilaça, Antônio Gomes (advogado), 446

Vilhena, Jorge Henrique (ouvidor-geral do Crime), 90

Vilhena, Luís dos Santos (professor de gramática na Bahia), 20, 28, 40, 69, 353, 369, 443

Villas Boas, Gaspar Lopes, 55

Virginia (estado dos EUA), 524

Vitória, Nossa Senhora da (freguesia), 139, 141, 149, 150, 153, 154, 157, 217-8, 219, 234, 236, 237, 251, 260, 285, 299, 379, 391, 392, 393, 394, 423, 429, 460, 463, 494, 522, 523; do crição, 139; estrada da, 233, 234, 393; largo da, 359, 360; residência de europeus, 150, 155, 218, 233, 235, 265, 298, 371, 391

wáláa ou wállá, 226-7, 231, 606

Watts Hymns (livro de canções cristãs), 181

Wetherell, James (vice-cônsul inglês na Bahia), 32, 182, 193, 228, 314, 333, 338

Wied-Neuwid, Maximiliano de (viajante prussiano na Bahia), 22

Wilson, sir Robert (viajante britânico na Bahia), 19

Xangô (divindade iorubá), 100, 162, 168, 316, 337

Xavier, José Joaquim (senhor de escravo), 333, 403

Xixi, fonte do, 143

Yagba (reino iorubá), 313

Yunfa, *sarki* (rei de Gobir, haussá), 74, 77, 100

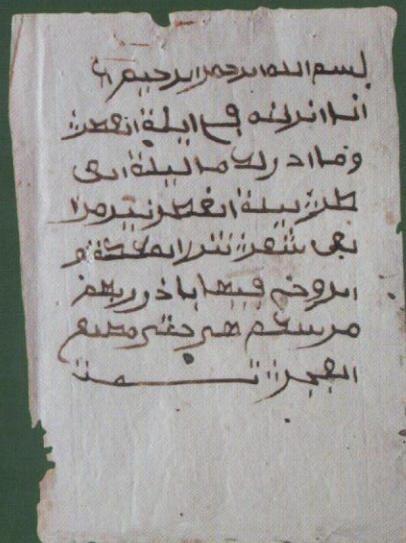
Zanfara (reino haussá), 139, 317

Zaria (reino haussá), 139, 162

## Sobre o autor

João José Reis é professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia. Foi professor visitante nas universidades de Michigan, Princeton, Harvard, Brandeis e Texas, nos Estados Unidos, e *fellow* do University College (Universidade de Londres), do Center for Advanced Studies in the Behavioral Sciences (Universidade de Stanford), do National Humanities Center (Carolina do Norte) e do IGK Work and Human Lifecycle in Global History — Universidade de Humboldt (Berlim). Suas pesquisas giram em torno da história social e cultural da escravidão e da liberdade, movimentos sociais e história atlântica, principalmente no século XIX. Entre outros livros, publicou *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*, *Domingos Sodré, um sacerdote africano: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX* e *O alufá Rufino: tráfico, escravidão e liberdade no Atlântico negro* (com Flávio Gomes e Marcus Carvalho), todos editados pela Companhia das Letras.





“Um estudo cuidadoso do levante urbano em Salvador liderado por nagôs mulçumanos nascidos na África.”

— Robert Levine,  
*Latin American Research Review*

“Uma obra já clássica sobre a rebelião escrava na Bahia, em 1835, sem dúvida a mais importante de nossa história em termos de suas repercussões e desdobramentos políticos em todo o restante do século.”

— Sidney Chalhoub, *Folha de S. Paulo*

“O relato mais completo da revolta de 1835. De especial valor é sua análise das rivalidades étnicas e cooperação entre os negros, do papel dos libertos e da interseção entre religião e identidade étnica.”

— Eugene Genovese

“Unindo pesquisa cuidadosa a um tratamento sofisticado de temas relacionados a raça, etnicidade, religião, classe e mobilização coletiva, *Rebelião escrava no Brasil* merece atenção não apenas dos estudiosos interessados na escravidão no Novo Mundo, mas também de uma audiência muito mais ampla.”

— B.J. Barickman, *The Americas*

“Sensível ao detalhe etnográfico, Reis ilumina aspectos minúsculos da tessitura do movimento, mergulhando nas raízes africanas da luta dos malês.”

— Ronaldo Vainfas, *Domínios da História*

“Reis fornece informação tão rica e detalhada sobre o contexto social da rebelião, e sobre os conspiradores, que o leitor se torna ele mesmo uma testemunha ocular dos eventos.”

— Peter Fry, *Times Literary Supplement*

ISBN 978-85-359-0394-2

